



Kant e a epigênese a propósito do “inato”¹

Ubirajara RANCAN DE AZEVEDO MARQUES



RESUMO

Este artigo discute a posição de Kant acerca do inato, por meio do exame das metáforas orgânicas e do léxico biológico constantes nas reflexões manuscritas dos anos 1770 e em duas passagens da primeira *Crítica*. Considerando, em seguida, demais referências do autor à epigênese (agora em sentido estrito, na *Crítica da faculdade do juízo*), como também ao inato, o artigo aventa a possibilidade da ocorrência de um “sentido biológico” dessa forma de representação, que já estaria presente nos textos do filósofo.

PALAVRAS-CHAVE • Epigênese. Pré-formação. Inato. Adquirido. Aquisição originária.

“Kant e a epigênese” (cf. Piché, 1999, 2001)² parecerá camuflar uma relação mais geral como “Kant e a biologia”. Com efeito, por mais que esta última palavra tenha sido cunhada já em meio à velhice do filósofo – em 1800, precisamente (cf. Richards, 2000, p. 12, nota 4), e depois, portanto, das suas considerações sobre o desenvolvimento dos corpos organizados –, não havendo, ao que parece, nenhum registro dela ou de cognatos seus no *corpus* kantiano, é ao conhecimento biológico, mesmo assim, que propriamente se referirá, em primeiro lugar, a *Epigenesis*.³

¹ O trabalho em questão é parte de uma pesquisa maior, intitulada “Kant e o inato”. Embora seja seguida a *Akademie-Ausgabe*, as citações da *Crítica da razão pura* são sempre feitas pela indicação alfanumérica tradicional (sendo idêntica em ambas as edições, a passagem citada será referida somente pela indicação de página da edição de 1787). Não havendo indicação contrária, as traduções do alemão são minhas, assim como, nos textos originais ou traduzidos, os colchetes e os seus respectivos conteúdos; já os parêntesis e o que apresentem são em princípio do autor citado ou da tradução adotada. Embora não tenham nenhuma responsabilidade pelas traduções aqui propostas, agradeço aos prezados colegas Professores Doutores Leonel Ribeiro dos Santos, do Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e Marco Aurélio Werle, do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, pela gentileza das observações feitas, sempre competentes e esclarecedoras.

² Embora eu os tenha apenas recebido do próprio autor, sem ter tido o tempo de compulsá-los devidamente, remeto mesmo assim a esses dois artigos de Claude Piché, conhecido e respeitado *Kant scholar*, de modo a ampliar as referências sobre o tema, não exatamente abundantes.

³ No § 79 da terceira *Crítica*, Kant compreende que as investigações concernentes à teleologia – a “razão” não lhes dando nenhuma explicação “sobre o surgir e a possibilidade interna” das formas da natureza – estão propriamente afeitas à “ciência teórica da natureza” (*die theoretische Naturwissenschaft*) (Kant, 1908-1913, p. 417). Por outro

Por outro lado, esse mesmo vínculo ressoará também, em atenção à época, o embate “pré-formação *versus* epigênese”, o qual, em curso na segunda metade do século XVIII, teria, pela ação conjunta de Kant e Blumenbach, finalmente redundado em solução conciliatória. É assim que, segundo Pinto-Correia,

(...) ambos os conceitos (epigênese e pré-formação) evoluíram de tal forma que o terreno ficou propício à apresentação de uma espécie de teoria conciliatória, levada a cabo por Immanuel Kant (1724-1804), com a ajuda de seu colega biólogo J. F. Blumenbach (1752-1840). Este modelo envolvia uma forma mecânica voltada para um objetivo – *Bildungstrieb*, ou “impulso para o desenvolvimento” – definida como uma propriedade do próprio organismo, herdada através das células embrionárias. Em outras palavras, o desenvolvimento podia se dar epigeneticamente, através de uma força predeterminada inerente à matéria do embrião – os primórdios da moderna biologia do desenvolvimento (Pinto-Correia, 1999, p. 29).

Diferentemente, porém, do que ocorreu com a explicação da origem do universo a partir de uma nebulosa – que, formulada por Kant em 1755, foi depois (mas de modo independente) retomada por Laplace, tornando-se justamente conhecida como hipótese “Kant-Laplace” –, uma pretensa “conjetura Kant-Blumenbach” a respeito do desenvolvimento do ser vivo, da fecundação ao estado embrionário, seria dificilmente sustentável, ao menos nos termos acima reproduzidos. Pois já do ponto de vista meramente quantitativo, a palavra *Bildungstrieb*, “impulso formativo”, “impulso formador”, “impulso de formação” – cujo correspondente latino, assinalado pelo próprio Blumenbach, efetivo autor da expressão e do conceito, é *nisus formativus* –, ocorre somente três vezes na obra do filósofo publicada em vida, respectivamente em *Sobre o uso dos princípios teleológicos em filosofia* (1788), na *Crítica da faculdade do juízo* (1790) e numa carta de 5 de agosto de 1790 ao próprio Blumenbach.⁴

lado, como o prova o vasto emprego que dela faz Kant, a expressão “*Naturforschung*” era já bem usual, significando “a investigação da natureza, das leis da natureza, *physica*” (Grimm & Grimm, 2007). Da mesma forma, no seu *Grande e completo léxico universal de todas as ciências e artes*, publicado entre 1732 e 1754, Zedler afirma: “*Academie der Naturæ Curiosorum oder der Naturforscher*” (Zedler, 1731-1754]. Essa referência tem em mente a *Deutsche Akademie der Naturforscher*, a *Leopoldina*, inicialmente nomeada *Academia Naturæ Curiosorum*, fundada em Halle em 1652 por quatro médicos (cf. o portal da mesma. Disponível em: <<http://www.leopoldina-halle.de/>>. Acesso em: 26 out. 2007). Por outro lado, Kant é justamente tomado como investigador da natureza (cf. Foucault, 1981, p. 169-219) na conhecida obra de Adickes (1925).

4 Kant sempre manifestou sincero apreço por Blumenbach, sobretudo na carta que lhe escreve em 5 de agosto de 1790, na qual se encontram as seguintes palavras: “Os seus escritos me instruíram multiplamente, pois a novidade está na reunião (*Vereinigung*) de dois princípios (*Principien*), o do modo de explicação físico-mecânico e o do modo de explicação simplesmente teleológico da natureza organizada (*der physisch-mechanischen und der blos teleologischen*

Mas o que se tem aqui em mente não é a suposta teoria arquitetada a quatro mãos por Kant e Blumenbach, tampouco a qualidade dos laços entre a filosofia transcendental e a biologia, senão que as metáforas orgânicas aplicadas pelo filósofo, assim como os termos de um vocabulário, a tal ponto assíduo no pensamento filosófico, que dele dir-se-á seja comum a ambos os saberes, o da filosofia e o da (futura) biologia. Cuida-se assim da transposição de sentido que caracteriza as expressões: “sistema da pré-formação”, “sistema da pré-formação da razão pura”, “sistema da pré-formação genérica”, “hipótese da epigênese”, “sistema da epigênese”, “sistema da epigênese da razão pura” *etc.*, como também: “inato”, “adquirido”, “implantado”, “germe”, “disposição”.

I

Acerca do emprego de “epigênese” por Kant, o primeiro dado a observar é que a única referência pormenorizada em sentido próprio que lhe faz o filósofo ocorre somente em 1790, na terceira *Crítica*.⁵ Bem antes, porém, o conceito já é empregue por ele, na

Erklärungsart der organisirten Natur) (...) uma referência mais próxima às idéias com as quais eu particularmente me ocupo, que justamente carecem de uma tal confirmação através dos fatos.” (Kant, 1911, p. 185). Valerá notar que em 1816, na nona edição do *Manual de história natural*, na qual Kant é várias vezes citado, Blumenbach dirá o mesmo, fazendo-o através de vocabulário não por acaso coincidente: “Dessa ligação (*Verbindung*) de ambos os princípios (*Principien*) – do mecânico com o teleológico –, que se teve aliás por incompatível no (tocante à) explicação do modo de surgimento do corpo organizado (*Erklärung der Entstehungsart organisirter Körper*), e na qual justamente se encontra o designador (*das Auszeichnende*) do conceito de *impulso formativo etc.*” (Blumenbach, 1816, p. 16, nota *). O que em 1790 parecia a Kant uma “novidade”, reaparece agora como “ligação” antes tida por “incompatível”. A “reunião” ou “ligação” do mecânico e do teleológico, referente ao “modo de explicação da natureza organizada” ou ao “modo de surgimento do corpo organizado” é doravante um fato. Pois “a anatomia comparada, em especial, disto dá exemplos atraentes e compreensivos em quantidade” (Blumenbach, 1816, p. 16, nota *). Sobre a “anatomia comparada”, cf. Kant, 1908-1913, p. 418.

5 Cf. Kant, 1926, p. 591 (n. 4552, manuscrita entre 1772 e 1776); de modo especial, porém, a n. 4104, manuscrita entre o final de 1769 e o outono de 1770, e que conterà a primeira referência registrada de Kant à epigênese; p. 416 e a n. 5462, manuscrita entre 1776 e 1778; Kant, 1928, p. 190, a seguir respectivamente citadas: “(...) Se no caráter da criança tudo depende *unicamente* do homem ou da mulher. O sistema dos *óvulos* pressupõe que, se a mulher tivesse tido também um outro homem, ela teria então gerado a mesma criança; o dos *animálculos*: se o homem tivesse tido uma outra mulher, ele teria então obtido a mesma criança. Isso é muito prático; pois, no primeiro caso, um homem tem muito a ver com a constituição da mulher e da sua raça; no segundo, ele não tem absolutamente a ver com isso, mas só a mulher com a raça do homem. Segundo a *epigênese*, tem a ver com ambos: primeiro, devido às alternativas; em segundo lugar, devido à mistura. Na preexistência livre, [não tem a ver] com nenhum dos dois”. “Na *epigenesis*, temos de admitir que a alma em geral pertence ao mundo inteligível, que ela não tem um lugar no espaço, que, se um corpo organizado surge através da geração, ele tem em si a condição de ser imediatamente animado (*beseelt*) através do princípio inteligível vivificante (*durch das intelligibele belebende Princip*), e que no próprio corpo a alma não está local, mas só virtualmente presente.” Todas as indicações referentes à datação do “*Handschriftlicher Nachlaß*” são feitas com base no trabalho de Erich Adickes.

grande maioria dos casos, mas não em todos, na sua acepção transposta.⁶ Mais do que corrente, emergente à época (cf. Duchesneau *et al.*, 2000, p. 234-41), ele terá sido utilizado sem prévia definição, o seu significado pressuposto bastando para decifrar o uso comparativo do vocábulo.⁷

Em passagem da reflexão nº 5637,⁸ lê-se:

O sistema lógico dos conhecimentos-intelectuais é ou empírico ou transcendental. O primeiro, de *Aristóteles e Locke*; o segundo, ou o da epigênese ou o da involução – [conhecimentos-intelectuais] adquiridos ou inatos (Kant, 1928, p. 275).⁹

Com respeito a esse fragmento, vale notar que uma indicação do filósofo nos “trabalhos preparatórios” (*Vorarbeiten*) ao texto sobre *A religião nos limites da simples razão* vincula “involução” à expressão latina *in ovulis* (cf. Kant, 1928, p. 106). Aparentemente incorreta, a etimologia proposta fornece ao menos a razão pela qual, no sistema das pré-formações individuais, a “teoria da evolução” (*Evolutionstheorie*) pode ser também chamada “teoria da involução” (*Involutionstheorie*), o que, à primeira vista, pareceria um despropósito. Com isso, na presente passagem ou no § 81 da terceira *Crítica*, por

⁶ Tendo-se aqui em vista, de modo especial, somente algumas das reflexões manuscritas nas quais é empregue a palavra epigênese, bem como passagem do § 27 da primeira *Crítica* na qual ela é igualmente aplicada, observe-se, não obstante, que, já no *Beweisgrund* – e, assim, em 1763 –, Kant considera ambas as teorias da pré-formação e da epigênese, mesmo sem as nomear como tais (cf. Kant, 1905-1912, p. 114). Cf. Duchesneau *et al.*, 2000, p. 242-4.

⁷ “O recurso às metáforas orgânicas, por parte de Kant, testemunha (...) a decisiva viragem epistêmica, a profunda alteração dos hábitos do pensamento, que se afirma e expande na filosofia europeia a partir da segunda metade do século XVIII” (Santos, 1994, p. 406). “Kant pretende, mediante a *Crítica da razão pura*, fundar e legitimar os direitos da concepção mecânica da natureza, a qual alcançara na sistematização newtoniana a sua máxima expressão. Mas, curiosamente, fá-lo recorrendo preferentemente a imagens e comparações orgânicas e biológicas. E o saldo final da empresa crítica cifra-se no esforço para conciliar a explicação mecânica da natureza com a explicação orgânica e finalista” (Santos, 1994, p. 411). Entre outras passagens equivalentes, a citação seguinte exemplifica não só o emprego da metáfora orgânica, mas também o de um vocabulário comumente adotado pelos defensores do pré-formismo ovista, não por acaso partidários do inatismo. Afirmando que as idéias transcendentais servem “não só para mostrar-nos efetivamente os limites do uso puro da razão, mas também o modo de os determinar”, Kant conclui: “(...) e tal é também o fim e a utilidade dessa disposição natural (*der Zweck und Nutzen dieser Naturanlage*) da nossa razão, que pariu (*ausgeboren hat*) a metafísica como a sua filha diletta, cuja geração (*Erzeugung*), assim como qualquer outra no mundo, não é a atribuir ao imprevisto acaso (*dem ungeschickten Zufalle*), mas a um germe originário (*einem ursprünglichen Keime*) que é sabiamente organizado para grandes fins (*welcher zu großen Zwecken weislich organisirt ist*) (...)” (Kant, 1903-1911, p. 353).

⁸ Segundo a cronologia estabelecida por Adickes, a maior parte das reflexões que abordam o inato foi manuscrita no período entre 1776 e 1778, ou seja, ao menos onze anos após o aparecimento dos *Nouveaux essais* de Leibniz e no máximo três anos após o chamado “Manuscrito de Duisburg”, datado de 1775. Tem-se então que a maioria das reflexões de Kant sobre o inato foi escrita aproximadamente a meio caminho entre a posição do problema crítico na carta a Herz de 21 de fevereiro de 1772 e a sua resolução com a primeira edição da *Crítica da razão pura*.

⁹ Reflexão nº 5637, manuscrita entre 1780 e 1783.

exemplo, “involução” remeterá ao processo de desenvolvimento do ser organizado, característico do ovismo, pelo qual os óvulos conteriam os próprios seres já pré-formados em miniatura (em germe), cujo desenvolvimento constituiria assim uma “evolução”¹⁰ ou “involução”, expressões que, portanto, no presente contexto não são antinômicas.

“Epigênese” é palavra também empregue metaforicamente por Kant no campo da razão prática. Com efeito, assim se lê, por exemplo, na reflexão nº 6867: “O *principium* da Moral é a autocracia da liberdade em referência a toda a felicidade ou a epigênese da felicidade segundo as leis universais da liberdade” (Kant, 1934, p. 186).¹¹

No período entre 1776 e 1778, encontram-se ainda as seguintes passagens das reflexões nº 4851 e nº 4859. Na primeira:

(Se os conceitos são meramente *educta* ou *producta*. Pré-formação e epigênese) (*producta* ou através de influxo físico (empírico) ou através da consciência da constituição formal da nossa sensibilidade e entendimento por ocasião da experiência; por conseguinte, *producta a priori*, não *a posteriori*.) A doutrina de *ideis connatis* leva à exaltação (*Schwärmerey*) (Kant, 1928, p. 8).¹²

Na seguinte: “Origem dos conceitos transcendentais: 1. *per intuitionem mysticam*; 2. (*influxum*) *sensitivum*; 3. *per praeformationem*; 4. *per epigenesin intellectualem*. (*intellectualia* intuitiva ou discursiva)” (Kant, 1926, p. 554).¹³

A lembrança desses fragmentos não só atesta o emprego da metáfora biológica em Kant (nos campos prático e especulativo) antes de 1787 (ou da segunda edição da *Razão pura*, em cujo § 27 ela será maximamente qualificada), ou especialmente antes

¹⁰ Sobre o significado de “germe” ou “germes” no plano da pré-formação, cf., por exemplo, Bonnet, 1768, v. 2, p. 27: “O meu objetivo aqui é somente procurar estabelecer que o que nós nomeamos produção ou reprodução em nossas espécies de *zoófitos* é somente o desenvolvimento de pequenos todos orgânicos que pré-existiam no grande todo no qual eles reparam as perdas. Assim, quer essa reparação dependa de germes que contenham precisamente só o que se trata de reparar, quer ela dependa de germes que contenham um animal inteiro e do qual só uma parte se desenvolve, precisamente semelhante àquela que foi perdida, tudo resulta igual, numa e noutra suposição: não há jamais uma *geração* propriamente dita; há sempre a simples *evolução* do que já estava engendrado.”

¹¹ Reflexão nº 6867, manuscrita entre 1776 e 1778. Cf. Kant, 1923a, p. 759: “Ele [o caráter] não é inato (embora natural), isto é: ele alcança o ânimo e o coração” (nº 1495, manuscrita entre 1773 e 1777 ou entre 1776 e 1778); 1923a, p. 868: “(...) O caráter não é inato; é adquirido livremente” (nº 1518, manuscrita entre 1780 e 1789).

¹² Reflexão nº 4851, manuscrita entre 1776 e 1778. Note-se que nessa mesma reflexão, imediatamente a seguir, Kant afirma que os conceitos são *acquisitae*, *a priori* e *a posteriori*, precisando que os primeiros não são sempre intelectuais (“*acquisitae sind a priori oder a posteriori acquisitae, jene sind nicht immer intellectuall*”) – o que coincide com o fato das formas-de-intuição (tantas vezes nomeadas “conceitos”), que não são intelectuais, serem também adquiridas *a priori*, não empiricamente.

¹³ Reflexão nº 4859, manuscrita entre 1776 e 1778.

do *Manual de história natural* de Blumenbach, cuja primeira edição surge em 1779,¹⁴ mas permite sobretudo acompanhar a constância da relação entre, de um lado, “pré-formação” e “epigênese” e, de outro, “inato” e “adquirido”.

Observa-se assim, na primeira das reflexões citadas, tendo por óbvio que “adquirido” não seja ali o mesmo que empiricamente-adquirido, que essa aquisição condiz com a já expressa na chamada “Dissertação de 1770” (§ 14-1 e § 15-E) e também com a futura “aquisição originária” das formas-de-intuição e das formas-de-pensamento, depois exposta, em 1790, na chamada “Resposta a Eberhard”.¹⁵

A respeito da crítica ao “inato” ou do enaltecimento da forma epigenética de aquisição das representações elementares, um mesmo elenco de autores é quase sempre citado em conjunto: Platão, Aristóteles, Malebranche, Locke. Há também referências a Christian August Crusius e Johann Heinrich Lambert e algumas a Johann Nicolas Tetens – mas quase nenhuma a Leibniz. Uma das exceções encontra-se em passagem da reflexão nº 4893, na qual se lê:

Locke, um influxionista; ao mesmo tempo, um fisiólogo da razão. *Lambert*, um analista e arquetônico; *Wolff*, um mero dogmático e uma cabeça matemática; *Crusius*, um prestabilista da razão. (...) 1 diferença entre o *phaenomenorum* e o *Noumenorum*; 2 origem deste último. Inato, místico; ou adquirido, lógico. Platão, Leibniz. Aristóteles, Locke (Kant, 1928, p. 21).¹⁶

14 Conforme Philonenko, “Kant apóia-se sempre no *Handbuch der Naturgeschichte* (1782) de Blumenbach, de onde retira todas suas idéias concretas” (Kant, 2000, p. 370, nota 2). A primeira edição do *Manual*, porém, ao contrário do que permite inferir a anotação de Philonenko, é, em verdade, de 1779, a dois anos da publicação da primeira edição da *Crítica da razão pura*, portanto. Sendo certo que Kant possuía em sua biblioteca um exemplar da primeira edição do *Manual* (cf. Warda, 2005), à qual, de resto, ele próprio faz referência (cf. Kant, 1912-1923c, p. 180); por ora, não se sabe, contudo, se e quanto ela o teria então influenciado, a ponto de encontrarem-se traços seus na primeira versão da *Crítica*.

15: “A *Crítica* não aceita, em absoluto, representações inculcadas (*anerschaffen*) ou inatas (*angeboren*). Pertencam à intuição ou aos conceitos do entendimento, ela as considera todas como adquiridas. Mas há também uma aquisição originária (tal como se expressam os mestres do direito natural), conseqüentemente, [uma aquisição] também daquilo que antes não existia ainda de modo algum, por conseguinte, que não pertencia a coisa nenhuma antes dessa ação. Tal é, como afirma a *Crítica*, primeiramente a forma das coisas no espaço e no tempo; em segundo lugar, a unidade sintética do múltiplo em conceitos. Pois nenhuma delas é tirada dos objetos por nossa faculdade de conhecimento como dada em si mesma neles, mas ocorre *a priori* a partir de si mesma. Deve, porém, haver um fundamento para isso no sujeito, que torne possível que as representações pensadas surjam (*entstehen*) assim e não de outra maneira e, além disso, [que torne possível que elas] possam ser referidas a objetos que ainda não estão dados – e ao menos esse fundamento é inato” (Kant, 1912-1923b, p. 221-2).

16 Reflexão nº 4893, manuscrita entre 1776 e 1778. A respeito de uma suposta distinção entre inato (que poderia ser reportado a Leibniz e Crusius) e místico (a Platão), empregue na presente reflexão, pode-se encontrar o mesmo na reflexão nº 4866 (Kant, 1928, p. 14, manuscrita entre 1776 e 1778), por exemplo – “Crusius (...) admite princípios inatos (embora não idéias platônicas)” –, ainda que a nº 4894, à p. 22, manuscrita entre 1776 e 1778, a contradiga: “(...) Os *intellectualia* de Platão eram inatos, porque são *intuitus* (...)”.

Por essa amostragem, tem-se então que a epigênese, tomada isoladamente ou em comparação com a pré-formação, constitui, no âmbito do “sistema lógico dos conhecimentos-intelectuais”, a imagem preferencial para a diferenciação entre sistema “empírico” e “transcendental”. Pela “epigênese” (conhecimentos obtidos por aquisição originária), chega-se, pois, a conhecimentos-intelectuais “adquiridos”, ao passo que pela evolução (ou seja, pela pré-formação), a conhecimentos-intelectuais “inatos”. Note-se que a presente reflexão – ainda que manuscrita entre 1780 e 1783 – limita-se ao “sistema lógico dos conhecimentos-intelectuais”, não abrangendo o espaço e o tempo. Em outra das passagens citadas, redigida entre 1776 e 1778, é à “origem” do númeno que se referirão os modelos explicativos anteriores, na seguinte conformidade, atestada ou confirmada por outras reflexões: origem mística, Platão;¹⁷ inata, Leibniz; adquirida, Locke; lógica, Aristóteles,¹⁸ não se tratando, pois, seja da origem dos conhecimentos-intelectuais, seja, outra vez, da do espaço e do tempo. Por fim, ainda no mesmo período cronológico, e agora com referência também à sensibilidade, os “conceitos” (nesse conjunto, inclusos o espaço e o tempo) serão genuinamente *produzidos* “através da consciência da constituição formal da nossa sensibilidade e entendimento por ocasião da experiência”.¹⁹

17 A respeito de Platão e do seu inatismo, embora a palavra não seja por ele mencionada, cf. Kant, 1912-1923d, p. 391. Já nas “Reflexões”, talvez a principal referência a Platão ocorrerá na reflexão nº 6050, manuscrita entre 1783 e 1784 ou entre 1776 e 1779. Para Platão, conforme Kant, a representação tem de ser pensada ou “produzido pelo objeto ou produzindo o objeto”. A respeito dessa segunda opção, por meio da qual se observará um novo caso do reiterado emprego de *ursprünglich* no âmbito do inatismo místico, afirma o filósofo: “A última seria a representação originária (*idea archetypa*), da qual, se ela deve ser originária em todas as partes, nós homens não somos capazes. As idéias, portanto, só podem ser encontradas no ser originário. (...) As idéias desse entendimento originário, porém, não são conceitos, mas só intuições – intelectuais, porém” (Kant, 1928, p. 434). Embora me seja de maior interesse recordar as considerações de Kant sobre Platão, e não as sobre Aristóteles, o número de ocorrências de Platão e Aristóteles, nos vinte e três primeiros volumes dos *Kant’s gesammelte Schriften*, é praticamente o mesmo, a despeito de neles haver um número maior para *platonische* do que para *aristotelische* (cf. *Das Bonner-Kant*, 2007).

18 Cf. a reflexão nº 4275, na qual o filósofo, considerando que Crusius explica os princípios reais da razão a partir do sistema da pré-formação, Aristóteles a partir do influxo físico subjetivo, Platão e Malebranche da intuição intelectual, em seguida conclui: “nós, segundo a *epigenesis* a partir do uso das leis naturais da razão” (Kant, 1926, p. 492, manuscrita entre 1770 e 1771). Nessa passagem, contudo, para além da manifestação de Kant em favor da epigênese, ao início da década e do período de cristalização da filosofia crítica, ocorre também a expressão “leis naturais da razão”, que remeterá a um vocabulário metafísico-inatista, presente na “Dissertação de 1770”, talvez então apenas concluída, e na qual se encontrarão similares, tais como: “lei natural do espírito” (§ 4) e “lei interna da mente” (§ 14). Haverá ainda a reflexão nº 3964, na qual se lê: “Há certos conceitos universais que são dados pela natureza da razão” (Kant, 1926, p. 368, manuscrita por volta de 1769).

19 A expressão “por ocasião da experiência”, concisa como convém a uma fórmula, dá conta do modo pelo qual são produzidos os conceitos, não se limitando à contraposição entre modelos antagônicos. Já na Dissertação de 1770, Kant empregara solução equivalente. “Na metafísica não se encontram princípios empíricos; os conceitos que nela se apresentam não devem procurar-se nos sentidos, mas sim na própria natureza do entendimento puro, não como conceitos *inatos*, mas como conceitos abstraídos das leis insitas na mente (atendendo às ações desta por ocasião da experiência), sendo, por conseguinte, *adquiridos*” (Kant, 1985b, p. 48).

Na terceira *Crítica*, a partir do mote da “associação (*Beigesellung*) do mecanismo com o princípio teleológico”, a discussão empreendida não só conflui com a obra em causa, mas coincide com a investigação – *científica*, dir-se-ia – então contemporânea. As divisões e subdivisões recordadas por Kant são, com efeito, a imagem condensada de uma polêmica multissecular, ali restrita a sua face presente.

Segundo Erich Adickes no seu *Kant como investigador da natureza*, o quadro apresentado pelo filósofo no § 81 da terceira *Crítica* obedeceria às seguintes etapas:

- 1 teoria da evolução (pré-formação)
 - 1.1 teoria ocasionalista da evolução
 - 1.2 teoria prestabilista da evolução
 - 1.2.1 ovismo
 - 1.2.2 animalculismo
- 2 teoria da epigênese

Já em Kant, as distinções, feitas a partir do conceito de causa, dão-se, na verdade, entre “ocasionalismo” e “prestabilismo”. Segundo Adickes, como se viu, entre “teoria da evolução (pré-formação)” e “teoria da epigênese”. O quadro apresentado pelo comentador reforça a oposição entre pré-formação e epigênese, ao passo que o disposto por Kant indica a oposição entre duas modalidades de causa (ocasional e prestabilista) e a distinção entre eduto e produto no âmbito comum da pré-formação, subdividida em individual e genérica. Eis o quadro referido pelo filósofo:

- 1 ocasionalismo da causa
- 2 prestabilismo da causa:
 - 2.1 ser orgânico como eduto (*Educt*): sistema das pré-formações individuais ou teoria-da-evolução (*Evolutions-theorie*); sistema dos gerados (*Zeugungen*) como edutos; teoria-da-involução (*Involutionstheorie*) ou do encaixamento (*Einschachtelung*).²⁰
 - 2.2 ser orgânico como produto (*Product*): sistema dos gerados (*Zeugungen*) como produtos; sistema da epigênese (*Epigenesis*) ou sistema da pré-formação genérica (Kant, 1908-1913, p. 422-3).

²⁰ “O sistema dos gerados (*Zeugungen*) como meros edutos chama-se o sistema da pré-formação individual ou também a teoria da evolução; o [sistema] dos gerados como produtos é nomeado o sistema da epigênese. Este último pode ser também nomeado sistema da pré-formação genérica, porque a faculdade produtiva dos gerantes (*Zeugenden*) – portanto, a forma específica – estava *virtualiter* pré-formada segundo as disposições internas conformes-a-fim que partilharam o tronco [dos mesmos gerantes]” (Kant, 1908-1913, p. 423).

A epigênese, dentre as opções prestabilistas, é então um “sistema da pré-formação genérica”. Da *pré-formação*,²¹ pois a faculdade produtiva de o-que-gera (o componente físico-mecânico) comunga de um mesmo tronco com as disposições internas conformes-a-fim (eis o componente teleológico), segundo as quais é produzida a forma específica do que for. Tal significa que entre epigênese e pré-formação – opções que têm em comum o prestabilismo da causa – a ênfase se desloca, por assim dizer, de o-que-é-implantado (o eduto) para o-que-é-gerado (o produto). É assim que a natureza, na epigênese, relativamente ao que só pode ser originariamente representado como possível segundo a causalidade dos fins, é (em tradução literal) considerada “como autoprodutora, não meramente como desenvolvvente (*als selbst hervorbringend, nicht bloß als entwickelnd*)” (Kant, 1908-1913, p. 424).

II

Mas já também na *Razão pura*, especialmente na segunda edição, fazia-se presente o vocabulário orgânico.

Com efeito, o texto do início da “Analítica dos conceitos”, comum às edições de 1781 e 1787, é ali diferentemente ambientado, caso se trate daquela edição, caso desta. Na primeira será ambíguo, mas, na outra, por assim dizer, *transpolêmico*, à medida que o final da “dedução transcendental”, ultrapassando-lhe os dados, revitaliza-os, aludindo (agora em metáfora) outra vez à questão da origem.

Em tom de advertência, o fragmento em causa introduz o leitor no uso feito do termo “analítica”, mais ou menos como já ocorrera a respeito de “estética”, embora, aí, se tratasse de reencaminhar ao uso antigo da palavra, contra o que agora se dá, quando o encaminhamento dirige-se a um emprego incomum da expressão, proposto pelo filósofo.

²¹ A respeito da crítica de Kant à pré-formação, assim se pronuncia Michael Oberhausen: “A crítica de Kant à teoria biológica da pré-formação torna claro que a doutrina das idéias inatas, quer ela parta das formas prévias ou da mera capacidade dada por Deus de produzir representações, cai também, então, sob o veredicto contra a *ignava ratio*. Se Deus implantou no homem representações prontas ou só uma capacidade de produzir representações a partir de si próprio, [isso] não desempenha aqui nenhum papel: decisivo para Kant é o fato do recurso a Deus, não o grau da influência divina” (Oberhausen, 1997, p. 96). Embora não haja propriamente então nenhum “recurso a Deus” (hipótese como que banida ao menos desde a carta a Herz de 21 de fevereiro de 1772), ao lado dessa afirmação de Oberhausen dever-se-á ter presente a seguinte passagem do § 81 da terceira *Crítica*: “(...) com o menor uso possível do sobrenatural (*mit dem kleinst-möglichen Aufwande des Übernatürlichen*)” (Kant, 1908-1913, p. 424), “a epigênese deixa tudo o que se segue do primeiro começo à natureza (sem contudo determinar algo sobre esse primeiro começo, no qual a Física em geral fracassa, qualquer que seja a cadeia das causas com que tente determinar algo)” (Kant, 2002, p. 265).

A observação, iniciada em tom negativo – “Por analítica dos conceitos entendo não a análise dos mesmos ou o procedimento habitual nas investigações filosóficas de levar à clareza e de decompor segundo o seu conteúdo conceitos que se apresentam” –, é a seguir completada pela posição do novo sentido conferido a “analítica dos conceitos”: “(...) mas a ainda pouco tentada decomposição da própria faculdade do entendimento para investigar a possibilidade dos conceitos *a priori*, mediante o fato que nós os procuramos unicamente no entendimento, como lugar do seu nascimento, e analisamos o seu uso puro em geral”. À guisa de justificativa e para mais uma vez marcar a característica metodológica do procedimento crítico, Kant acrescenta: “(...) essa é a tarefa característica de uma filosofia transcendental; o resto é o tratamento lógico dos conceitos na filosofia em geral”. Por fim, as últimas linhas, nas quais se desdobra a positividade do novo sentido conferido à “analítica dos conceitos”, constituem o nervo da questão aqui em pauta:

Seguiremos, portanto, os conceitos puros até os seus primeiros germes e disposições no entendimento humano, no qual estão preparados, até serem enfim desenvolvidos por ocasião da experiência e, liberados das condições empíricas que lhes estão anexadas, [serem] apresentados em sua pureza pelo mesmo entendimento (Kant, 1904-1911, B 84).²²

Serão ao menos duas as expressões sobre as quais a advertência de Kant deve impor-nos cautela: 1 “primeiros germes e disposições”; 2 “no qual estão preparados”. A precaução a ser tomada, ademais da razão fornecida pelos próprios termos empregues e pela sua ressonância metafísica, reside, em particular, no fato da conduta descrita ser tida pelo filósofo como “a tarefa característica de uma filosofia transcendental”. Assim, se o trabalho em pauta é inovador, as expressões utilizadas na passagem que o define são próprias da filosofia tradicional, não só induzindo o leitor ao erro, como possibilitando identificações perversas, já eventualmente franqueadas pela letra da “Estética”.

²² Kant, 1904-1911, B 84. Com respeito à solução adotada para essa passagem pela primeira tradução brasileira integral da *Crítica da razão pura* (cf. Kant, 1983, p. 67), tenho a impressão de que, para verter o alemão *vorbereitet*, “preparados” será preferível a “prontos” (tal é, por exemplo, a solução seguida na tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão; cf. Kant, 1985a, p. 99). De igual modo, creio que *anhängenden*, traduzido pelos mesmos tradutores brasileiros por “inerentes” – solução também adotada pela versão portuguesa acima citada –, poderá, com vantagem, ser substituído por “anexas”, “anexadas” ou “apensas”. No primeiro caso, com efeito, “prontos” dará preferencialmente a idéia de concluído, terminado, acabado, com o que, sem qualquer pré-aviso, a afirmação de Kant parecerá encarecer alguma forma de inatismo. No segundo, as “condições empíricas” não serão “inerentes” aos conceitos puros, ou seja, não lhes pertencerão inseparavelmente, mas a eles se juntarão – sempre “por ocasião da experiência” –, compondo-lhes uma sorte de apêndice (*Anhang*).

Por outro lado, como é sabido, o uso das expressões “germes”²³ e “disposições” (cf. Gnassounou e Kistler, 2006, p. 1-6), em filosofia, não é inaugurado por Kant, havendo para o segundo caso, em igual contexto, o mesmo em Leibniz.²⁴ Mais do que um testemunho de não-originalidade, contudo, uma evidência comprometedora, um tipo de prova da intromissão do “inato” na filosofia crítica, então supostamente alinhada com o autor da *Monadologia* e o seu inatismo mitigado.

Ao final da segunda versão da “dedução transcendental”, porém, ou na posição oposta àquela da qual se partiu aqui, o timbre é outro, embora o léxico, em parte, seja problematicamente o mesmo:

(...) Há somente dois caminhos sobre os quais pode ser pensada uma concórdância necessária da experiência com os conceitos dos seus objetos: ou a experiência torna possíveis esses conceitos ou esses conceitos tornam possível a experiência. O primeiro não encontra lugar com relação às categorias (nem tampouco com relação à intuição sensível pura), pois elas são conceitos *a priori* (...) (a afirmação de uma origem empírica seria uma espécie de *generatio æquivoca*). Conseqüentemente, resta só o segundo (como que um sistema da epigênese da razão pura): a saber, que as categorias contêm, por parte do entendimento, os fundamentos da possibilidade de toda a experiência em geral (Kant, 1904-1911, B 166-7).

Logo a seguir, Kant examina a possibilidade de uma opção intermédia,²⁵ por meio de “uma espécie de sistema da pré-formação da razão pura”:

Se alguém quisesse propor entre os dois únicos caminhos nomeados ainda um caminho intermediário, a saber, que elas [as categorias] nem fossem primeiros

²³ Com respeito a “germe”, Kant também se utiliza da palavra na sua acepção estritamente biológica (embora num contexto filosófico), como, por exemplo, na reflexão nº 5037: “A crítica da razão pura é um preservativo contra uma doença da razão, que tem o seu germe na nossa natureza. (...)” (Kant, 1928, p. 70, manuscrita entre 1776 e 1778).

²⁴ Cf. Leibniz, 1966, p. 64, 65, 69, 71. Na *Monadologie*, cf. o § 36; no *Discours de métaphysique*, o artigo xxix. Por outro lado, na eventualmente mais copiosa anotação de Descartes a propósito do inato, lê-se: “(...) eu jamais escrevi ou julguei que o espírito tenha necessidade de idéias naturais que sejam alguma coisa de diferente da faculdade que ele tem de pensar. Mas é bem verdade que, reconhecendo haver certos pensamentos que não procediam nem dos objetos de fora nem da determinação da minha vontade, mas somente da faculdade que eu tenho de pensar, para estabelecer alguma diferença entre as idéias ou as noções que são as formas desses pensamentos (...) eu os nomeei naturais. Mas eu [o] disse no mesmo sentido em que nós dizemos que a generosidade, por exemplo, é natural a certas famílias, ou que certos males (...) são naturais a outras. Não [por] que as crianças que nasçam nessas famílias estejam acometidas desses males nos ventres das suas mães, mas porque elas nascem com a disposição ou a faculdade de contraí-los” (Descartes, 1973, p. 807).

princípios autopensados *a priori* do nosso conhecimento nem também criadas a partir da experiência, mas disposições subjetivas para pensar imediatamente implantadas em nós com a nossa existência (...) (Kant, 1904-1911, B 167-8).

Considerado por Hermann Cohen no seu *Kant-Buch*, esse longo excurso do filósofo é definido como uma “conclusão satírica da investigação” (Cohen, 2001, p. 134). O comentário de Cohen, por estranho que seja, busca explicar a presença da questão metafísica e pré-crítica a respeito da origem na segunda dedução transcendental. É como se a ironia contra ela, ao ver de Kant, constituísse um meio suplementar, adequado para reforçar, às avessas, a seriedade do método transcendental. Todavia, da simples leitura do excurso jamais emerge, como quer Cohen, o tom de uma suposta sátira. Por outro lado, não havendo aí lugar para uma conclusão satírica, que lugar haverá para um não menos improvável argumento seriamente articulado? Qualquer que seja a razão do retorno de Kant ao tema, não se trata de afrontá-lo em chave polêmica, pois os termos do debate, se não o próprio, já se encontram ultrapassados. Da mesma forma, ainda que a epigênese possa ser vista como um tipo de emblema da filosofia transcendental,²⁶ ela assim o será, se tanto, a despeito do filósofo, dado o uso pouco diligente feito por ele na primeira *Crítica* de termos tomados de empréstimo à biologia. Em passagem na qual recorda um trecho da *Crítica*, Sievers afirma: “Para citar a imagem característica com a qual Kant volta-se contra Hume, a epigênese provê o modelo para a ‘geração espontânea (*Selbstgebärung*) do nosso entendimento (incluindo a razão), sem impregnação pela experiência” (Sievers, 1997, p. 49).²⁷ Ainda que a *Selbstgebärung* seja ali precedida por um *sozusagen*, a passagem citada constitui ótimo exemplo do uso claramente embaralhado feito por Kant de conceitos da biologia. Nesse caso, o de *Selbstgebärung* e o de fecundação/impregnação. À época, “impregnação” era vocábulo próprio do pré-formismo ovista. Descrevendo-a para criticá-la, assim se expressava Blumenbach: “O que nós chamamos impregnação nada mais é do que a ação de despertar o germe do seu estado letárgico por meio do sêmen do macho, que estimula o pequeno coração da criatura para a sua primeira pulsação” (Blumenbach, 1791, p. 13).²⁸

²⁵ A referência, nesse caso, poderá ter em vista Crusius. Cf. *Annotazioni*, 2002; Kant, 1928, p. 14, 21, 22; (n^o 4866, 4893, 4894, manuscritas entre 1776 e 1778).

²⁶ Assim o quer, por exemplo, Genova (1974, p. 259-73), cujo texto não somente considera de modo especialmente atento a passagem em questão, vinculando-a com pertinência às considerações do filósofo no § 81 da terceira *Crítica*, mas dela faz chave de leitura privilegiada de todo o idealismo transcendental kantiano. Não obstante, mesmo destacando o vínculo da tese pré-formista com as idéias inatas, ele não aproxima o fragmento em pauta do texto do início da “Analítica”, que nem sequer toma em consideração, cujos “germes” e “disposições”, assim, permanecem na ambigüidade.

²⁷ Para a citação interna, cf. Kant, 1904-1911, B 793.

No primeiro dos dois fragmentos da segunda versão da “dedução transcendental” acima reproduzidos, ainda que o maior problema seja o da “concordância necessária da experiência com os conceitos dos seus objetos”, nota-se que a suposição da *generatio æquivoca* refere-se de pronto à origem das categorias, que “são conceitos *a priori* (...) (a afirmação de uma origem empírica seria uma espécie de *generatio æquivoca*)”. Afastada a hipótese da experiência tornar possíveis os conceitos dos seus objetos (cuja realização importaria procedência empírica às categorias, o que já foi excluído), “resta só o segundo (como que um sistema da epigênese da razão pura): a saber, que as categorias contêm, por parte do entendimento, os fundamentos da possibilidade de toda a experiência em geral”.

Todavia, ao falar em “disposições subjetivas para pensar imediatamente implantadas em nós com a nossa existência”, bem como em “a pressuposição de disposições predeterminadas a juízos futuros” (Kant, 1904-1911, B 167), Kant vincula o significado de “disposições” não só ao pré-formismo em biologia, mas ao “inato” da metafísica do conhecimento, justamente rechaçando-os. Nesse caso, se se interpreta o texto do início da “Analítica dos conceitos” a partir do que agora é exposto, compreendendo-se, portanto, o significado de “germes” e “disposições” como referências implícitas ao inatismo, tem-se a conseqüente descaracterização do que lá se configura como “tarefa específica de uma filosofia transcendental”. Igualmente, a expressão “na qual estão preparados”, referente a “germes” e “disposições”, mostra-se, pois, duplamente desconcertante, seja pelo lado filosófico, parecendo indicar uma opção pelo “inato”, seja pelo biológico, apontando para a teoria da pré-formação, descartada pelo filósofo (cf. Kant, 1908-1913, p. 423-4).

III

A epigênese, que não é largamente tratada em sentido próprio, torna-se então preferencialmente utilizada como metáfora, em particular no âmbito da crítica do conhecimento. Nesse campo, serve ao propósito de afastar a opção por um conhecimento inato, ou seja, uma representação já dada de modo pronto e diretamente inculcada no homem. Trata-se aí, porém, de uma determinada significação de “inato”, cuja fonte é sempre

28 O próprio Blumenbach fora defensor do ovismo, reconhecendo adiante, nessa mesma obra, o erro cometido. Por outro lado, vale ainda notar que tampouco as definições de “germe” e “disposição” pelo próprio Kant evitarão equívocos: “Os fundamentos de um desenvolvimento determinado, que se encontra na natureza de um corpo orgânico (de uma planta ou de um animal), quando esse desenvolvimento concerne a partes separadas, chamam-se germes; mas quando eles concernem só à grandeza ou à relação das partes umas com as outras, então eu os nomeio disposições naturais” (Kant, *Physische Geographie*, II, 435, *apud* Fisher, 2007).

reputada (por Kant e tantos outros) a Platão. Não será essa, porém, a única acepção de “inato” no *corpus* kantiano, outras havendo que o filósofo empregará positivamente.

Referindo-se às “habilidades”, que, segundo ele, o “primeiro homem” tinha mesmo de adquirir, Kant afirma: “(...) se elas fossem inculcadas (*anerschaffen*), seriam então também herdadas (*anerben*), o que, porém, contradiz a experiência” (Kant, 1912-1923a, p. 110). Inculcadas, as “habilidades” formariam parte indelével da natureza do homem, não podendo, com efeito, encontrar-se em um homem sem ao mesmo tempo estar em todos. Mostrando-nos a experiência, contudo, uns com certas habilidades, outros com outras, prova serem todas adquiridas, pelo que, assim, não passam, em conjunto, de geração a geração, a toda a espécie humana. Inversamente, se todos ostentassem as mesmas “habilidades”, poderíamos então vir a reputar o fato à transmissão de uma característica inculcada.²⁹

De qualquer forma, tão certo quanto “inculcado” valer na passagem citada como sinônimo de “inato” – “inato” devaneante, místico – é o “adquirido” em pauta limitar-se ao empírico. Tem-se assim que, se algo nos for implantado, será então, com necessidade, transmitido hereditariamente. Nem por isso, decerto, todo o herdado será sempre inato. O crivo do ser-inato ou do ser-adquirido do que for é a experiência. Se a suposição de que determinada coisa seja inata – e, portanto, herdável – não for contradita pela experiência, ela poderá vir a confirmar-se como tal. Noutras palavras, se não houver o experimento da aquisição empírica da coisa, não haverá como negar-lhe a possibilidade de ser inata. No tocante às representações elementares, tal como postas por Kant, não tenho, nem poderia ter, o experimento da sua aquisição empírica, o que, em princípio, dá-lhes a possibilidade de serem inatas; melhor, a possibilidade de, segundo a passagem em questão, terem sido inculcadas, implantadas, infundidas. Por outro lado, se eu as admitisse como tais, reabilitaria, no mesmo passo, o “inato” místico de Platão, o que, porém, a essa altura não seria aceitável. Tem-se então que, pelo lado da contraprova, as representações elementares não serão adquiridas empiricamente e, pelo da tese, não serão inculcadas. O “primeiro homem” que as teve, não as tendo tido por inculcamento, tampouco por aquisição empírica, tê-las-á tido por “aquisição originária”. Mesmo adquiridas – e, assim, em princípio, intransmissíveis –, elas encontram-se virtualmente em todos, o que lhes confere a qualidade de herdáveis. Por hipótese, o “primeiro homem” tê-las-á adquirido e então transmitido às gerações seguintes.

²⁹ Note-se, *en passant*, que o raciocínio empregue por Kant servira a Locke na sua negação das idéias inatas – o fato de elas não se encontrarem em todas as criaturas arruína o recurso ao “consentimento universal (*Universal Consent*)”, suposta prova da sua existência – e depois a Leibniz, na sua correspondente reabilitação dessas mesmas idéias, quando justamente será introduzido o virtualmente-inato.

Que haja um significado (não se o poderá dizer, por respeito à história, nem “biológico” nem “genético”), que haja um significado hereditário de “inato” em Kant, confirmam-no, por exemplo, as seguintes passagens da *Antropologia*: “Que falta ou perda de um sentido é mais importante: a (do sentido) da audição ou (a do sentido) da visão? Se ela fosse inata (*angeboren*), a primeira é, entre todas, ao menos compensável” (Kant, 1917, p. 159); “(...) se a falta de um sentido (o da visão, por exemplo) é inata (*angeboren*)” (p. 172).³⁰ Já nas reflexões sobre antropologia, lê-se: “Distinguir o inato (*Das angebohrne (sic)*) dos homens, do adquirido; o inato (*das angebohrene (sic)*) pessoal ou geral” (Kant, 1923b, p. 603). O “inato dos homens” – que não será o inculcado – deverá distinguir-se do adquirido, do adquirido empiricamente. O “inato dos homens” deverá assim ser um outro “inato” – ou haverá então um outro adquirido, não só o empiricamente-adquirido. Nesse caso, o “inato pessoal” corresponderá à herança exclusiva de cada um, ao passo que o “inato geral” à herança que é comum a todos, àquela obtida pelo “primeiro homem” por “aquisição originária”.

Mas a hipótese de um “inato biológico” *avant la lettre* – considerando-se que tal conjectura exigiria o princípio da seleção natural – já terá sido descartada por Kant na terceira *Crítica*.

É assim que, na passagem em questão – um longo período gramatical tipicamente kantiano –, diz-se:

Mesmo no que concerne à mudança, à qual certos indivíduos dos gêneros organizados estão casualmente submetidos, quando se percebe que o tão mutável caráter deles torna-se hereditário e é absorvido na capacidade-geradora (*Zeugungskraft*), [tal mudança] não pode então ser razoavelmente ajuizada de outro modo, senão como desenvolvimento ocasional de uma disposição conforme-a-fim originalmente presente na espécie para a autopreservação da mesma, porque, na completa conformidade-a-fim interna de um ser organizado, a geração do seu semelhante está, muito proximamente, ligada com a condição de nada absorver na capacidade-geradora que não pertença também num tal sistema de fins a uma das disposições originárias não desenvolvidas (Kant, 1908-1913, p. 420).³¹

³⁰ Tenha-se presente que deficiências, doenças e males em geral são passíveis de transmissão, mas não necessariamente transmitidos.

³¹ Na imediata seqüência, o texto afirma: “Pois, quando nos afastamos desse princípio, não podemos então saber com segurança se várias partes da forma que agora se encontra numa espécie não poderiam ser do mesmo modo de origem casual e sem-fim (*zwecklos*); e o princípio da teleologia – num ser organizado, nada ajuizar do que se preserva na reprodução do mesmo, como não-conforme-a-fim (*unzweckmäßig*) –, [ele] teria, com isso, na aplicação, de ser muito indigno-de-confiança (*unzuverlässig*) e unicamente válido para o tronco original (*Urstamm*) (o qual, porém, não conhecemos mais)”.

O que vem então a ser transmitido e, portanto, herdado, já se encontra no ser organizado como disposição original conforme-a-fim (cf. Duchesneau, 2000, p. 244-5). Nesse caso, “inato pessoal” ou “geral”, trata-se sempre de uma disposição a ser ocasionalmente desenvolvida, tal como as formas-de-intuição e as formas-de-pensamento desenvolvem-se “por ocasião da experiência”. Quer se trate da epigênese em sentido metafórico, quer dela em sentido próprio, haverá sempre disposições originais pressupostas, não bem a *desenvolver-se*, é verdade, mas a *autoproduzir-se*.³² ☞

Ubirajara RANCAN DE AZEVEDO MARQUES

Professor Adjunto do Departamento de Filosofia da
Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp, *campus* de Marília, Brasil.

bira@marilia.unesp.br

ABSTRACT

This paper discusses Kant's view on the innate, by means of an examination of organic metaphors and biological vocabulary found in the handwritten reflexions of the 1770's, and also in two passages of the first *Critique*. Considering next other references of the author to the epigenesis (now in the strict sense, in the *Critique of the faculty of judgment*) as well as to the innate, the paper suggests the possibility of the occurrence of a “biological” meaning of that form of representation, which would be present in the philosopher's texts.

KEYWORDS • Epigenesis. Preformation. Innate. Acquired. Original acquisition.



³² Cf., aqui, nota 20 deste texto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADICKES, E. *Kant als Naturforscher*. Berlin: Walter de Gruyter, 1925.
- ANNOTAZIONI alla *Critica della ragion pura*. Università di Milano. Milano, 2002. Disponível em: <http://users.unimi.it/~it_kant/it_krvf.pdf> Acesso em: 26 out. 2007.
- BLUMENBACH, J. F. *An essay on generation*. London: Cadell, 1791.
- _____. *Handbuch der Naturgeschichte*. Wien: Gräffer und Härter, 1816.
- BONNET, C. *Considérations sur les corps organisés*. Amsterdam: M. M. Rey, 1768.
- COHEN, H. *La théorie kantienne de l'expérience*. Paris: CERF, 2001.
- DAS BONNER-KANT CORPUS. Disponível em: <<http://www.ikp.uni-bonn.de/Kant/>>. Acesso em: 26 out. 2007.
- DESCARTES, R. *Œuvres philosophiques*. Paris: Garnier, 1973. v. 3.
- DUCHESNEAU, F.; LAFRANCE, G. & PICHÉ, C. (Ed.). *Kant actuel*. Québec: Bellarmin, 2000.
- FISHER, M. Kant's Attempt to establish natural history as a science. Disponível em: <http://aardvark.ucsd.edu/grad_conference/fisher.doc>. Acesso em: 22 jun. 2007.
- FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas. Uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- GENOVA, A. C. Kant's epigenesis of pure reason. *Kant-Studien*, Berlin, 65, p. 259-73, 1974.
- GNASSOUNOU, B. & KISTLER, M. (Ed.). *Les dispositions en philosophie et en sciences*. Paris: CNRS Éditions, 2006. Disponível em: <<http://www.cnrseditions.fr/Doc/Sommaire/S2271064120.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2007.
- GRIMM, J. & GRIMM, W. *Deutsches Wörterbuch*. Disponível em: <<http://germazope.unitrier.de/Projects/WBB/woerterbuecher/dwb/wbgui?lemid=GA00001>>. Acesso em: 26 out. 2007.
- JOHANN, H. *Zedlers grosses vollständiges Universalexicon aller Wissenschaften und Künste*. Disponível em: <<http://www.zedler-lexikon.de/>>. Acesso em: 26 out. 2007.
- KANT, I. Prolegomena zu einer jeden künftigen Metaphysik, die als Wissenschaft wird auftreten können. In: _____. *Kant's gesammelte Schriften: herausgegeben von der preußischen Akademie der Wissenschaften*. Berlin: Walter de Gruyter, 1903-1911. v. 4.
- _____. Kritik der reinen Vernunft. In: _____. *Kant's gesammelte Schriften: herausgegeben von der preußischen Akademie der Wissenschaften*. Berlin: Walter de Gruyter, 1904-1911. v. 3.
- _____. Der einzig mögliche Beweisgrund zu einer Demonstration des Daseins Gottes. In: _____. *Kant's gesammelte Schriften: herausgegeben von der preußischen Akademie der Wissenschaften*. Berlin: Walter de Gruyter, 1905-1912. v. 2.
- _____. Kritik der Urtheilskraft. In: _____. *Kant's gesammelte Schriften: herausgegeben von der preußischen Akademie der Wissenschaften*. Berlin: Walter de Gruyter, 1908-1913. v. 5.
- _____. *Kant's gesammelte Schriften: herausgegeben von der preußischen Akademie der Wissenschaften*. Berlin: Walter de Gruyter, 1910-1980.
- _____. Briefwechsel. In: _____. *Kant's gesammelte Schriften: herausgegeben von der preußischen Akademie der Wissenschaften*. Berlin: Walter de Gruyter, 1911. v. 11.
- _____. Mutmaßlicher Anfang der Menschengeschichte. In: _____. *Kant's gesammelte Schriften: herausgegeben von der preußischen Akademie der Wissenschaften*. Berlin: Walter de Gruyter, 1912-1923a, v. 8.
- _____. Über eine Entdeckung nach der alle neue Kritik der reinen Vernunft durch eine ältere entbehrlich gemacht werden soll. In: _____. *Kant's gesammelte Schriften: herausgegeben von der preußischen Akademie der Wissenschaften*. Berlin: Walter de Gruyter, 1912-1923b, v. 8.
- _____. Über den Gebrauch teleologischer Principien in der Philosophie. In: _____. *Kant's gesammelte Schriften: herausgegeben von der preußischen Akademie der Wissenschaften*. Berlin: Walter de Gruyter, 1912-1923c, v. 8.

- KANT, I. Von einem neuerdings erhobenen vornehmen Ton in der Philosophie. In: _____. *Kant's gesammelte Schriften: herausgegeben von der preußischen Akademie der Wissenschaften*. Berlin: Walter de Gruyter, 1912-1923d. v. 8.
- _____. Anthropologie in pragmatischer Hinsicht. In: _____. *Kant's gesammelte Schriften: herausgegeben von der preußischen Akademie der Wissenschaften*. Berlin: Walter de Gruyter, 1917. v. 7.
- _____. Entwürfe zu dem Colleg über Anthropologie aus den 70er und 80er Jahren. In: _____. *Kant's gesammelte Schriften: herausgegeben von der preußischen Akademie der Wissenschaften*. Berlin: Walter de Gruyter, 1923a. v. 15.
- _____. Reflexionen zur Anthropologie. In: _____. *Kant's gesammelte Schriften: herausgegeben von der preußischen Akademie der Wissenschaften*. Berlin: Walter de Gruyter, 1923b. v. 15.
- _____. Reflexionen zur Metaphysik. In: _____. *Kant's gesammelte Schriften: herausgegeben von der preußischen Akademie der Wissenschaften*. Berlin: Walter de Gruyter, 1926. v. 17.
- _____. Reflexionen zur Metaphysik. In: _____. *Kant's gesammelte Schriften: herausgegeben von der preußischen Akademie der Wissenschaften*. Berlin: Walter de Gruyter, 1928. v. 18.
- _____. Reflexionen zur Metaphysik. In: _____. *Kant's gesammelte Schriften: herausgegeben von der preußischen Akademie der Wissenschaften*. Berlin: Walter de Gruyter, 1934. v. 19.
- _____. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- _____. *Crítica da razão pura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1985a.
- _____. *Dissertação de 1770 seguida de carta a Marcus Herz*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985b.
- _____. *Critique de la faculté de juger*. Paris: Vrin, 2000.
- _____. *Crítica da faculdade do juízo*. São Paulo: Forense Universitária, 2002.
- LEIBNIZ, G. W. *Nouveaux essais sur l'entendement humain*. Paris: Garnier-Flammarion, 1966.
- NARBONNE, J. M. & LANGLOIS, L. (Ed.). *La métaphysique: son histoire, sa critique, ses enjeux*. Paris: Vrin, 1999.
- OBERHAUSEN, M. *Das neue Apriori. Kants Lehre von einer 'ursprünglichen Erwerbung' apriorischer Vorstellungen*. Stuttgart/Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog, 1997.
- PICHÉ, C. La critique et sa métaphysique. In: NARBONNE, J. M. & LANGLOIS, L. (Ed.). *La métaphysique: son histoire, sa critique, ses enjeux*. Paris: Vrin, 1999. p. 183-202.
- _____. The precritical use of the metaphor of epigenesis. In: ROCKMORE, T. (Ed.). *New essays on the precritical Kant*. New York: Humanity Books, 2001. p. 182-200.
- PINTO-CORREIA, C. *O ovário de Eva. A origem da vida*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
- RICHARDS, R. J. Kant and Blumenbach on the *Bildungstrieb*: a historical misunderstanding. *Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences*, 31, 1, p. 11-32, 2000.
- ROCKMORE, T. (Ed.). *New essays on the precritical Kant*. New York: Humanity Books, 2001.
- SANTOS, L. R. *Metáforas da razão ou economia poética do pensar kantiano*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.
- SIEVERS, H. M. *Self-generation: biology, philosophy, and literature around 1800*. Stanford: Stanford University Press, 1997.
- WARDA A. *Immanuel Kant's Bücher 1922*. Disponível em: <http://web.uni-marburg.de/kant/webseite/ka_leko1.htm>. Acesso em: 26 out. 2007.